



## O CANDOMBLÉ DE MADRINHA ALICE: UMA EXPRESSÃO DA TRADIÇÃO LOCAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM MARACÁS-BA

Edelvito Almeida do Nascimento  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: nascimentoedelvito@gmail.com

Marcello Moreira<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

2053

### INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a denominação de candomblé do culto dirigido por Alice Ferreira de Almeida (doravante Madrinha Alice), situando entre as expressões da cultura afro-brasileira. Elenca algumas categorias de análise identificadas até o momento na pesquisa em andamento no Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade (UESB). O tema geral da pesquisa é a história da vida e sacerdócio de Madrinha Alice, bem como da comunidade que ela dirigia, na zona rural de Maracás-BA, entre as décadas de 1970 e 1990.

### METODOLOGIA

A fala dos sujeitos é a principal fonte de informação de nossa pesquisa, que se lastreia em entrevistas semiestruturadas e toma, como principal metodologia, a história oral<sup>2</sup>. Acerca da fala dos sujeitos, é necessário levar em conta, nas investigações socio-históricas, que o campo a ser interpretado já é, em sua própria constituição um campo pré-interpretado (THOMPSON, 2011). Essas pessoas são seres capazes de discernir os sentidos de seus próprios símbolos e agir de acordo com tal discernimento. Além disso, fazem parte do mundo social e estão inseridos no contexto socio-histórico. Não são seres desvinculados da existência social mais abrangente ou da construção histórico-geográfica que compõe o seu lugar de existência. Precisa-se levar em conta toda essa

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Brasileira (USP-2000). Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (Nível de Mestrado) da mesma universidade. Orientador da pesquisa em andamento que se apresenta neste texto. Email: moreira.marcello@gmail.com.

<sup>2</sup> A pesquisa como um todo tem viés antropológico e se utiliza de observações participantes na coleta de dados das manifestações religiosas que se estabelecem como continuação do culto. O presente texto, no entanto, aborda apenas as questões conceituais apresentadas pelos colaboradores da pesquisa, por isso a escolha metodológica.



complexidade quando se trata das falas dos sujeitos e, de modo ético, respeitar a sua autodenominação, como propomos aqui.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fenômeno religioso estudado é um “culto afro-brasileiro” (SILVA, 1986, p. 288). Nesse sentido é uma manifestação, uma subcategoria da cultura afro-brasileira<sup>3</sup>, ou uma das muitas manifestações daquela. É uma prática religiosa de matriz africana, quer dizer, que tem pelo menos parte de suas origens na África. Configura-se, portanto, como um culto afro-brasileiro.

A palavra utilizada pelos sujeitos para definir o culto ou a comunidade, geralmente, é “candomblé”. De qualquer modo, tivemos o cuidado de levantar os conceitos paralelos para nos certificar de que a melhor nomenclatura não seria curandeirismo (porque a prática religiosa se constrói em torno da noção de tratamento e cura) ou umbanda (em virtude do sincretismo e das divindades ou entes espirituais cultuados por este grupo).

Em primeiro lugar, o termo “curandeirismo” não foi utilizado pelos sujeitos de pesquisa, embora, às vezes, em alguns contextos, eles se referissem à sacerdotisa como “curadeira” (parece-nos aqui apenas uma variação popular de “curandeira”). Mas o fenômeno da cura não descarta a possibilidade de que seja um candomblé (BASTIDE, 1971, p. 402). Essa estreita relação entre o culto religioso afro-brasileiro e as práticas de cura foi também observada, por exemplo, no Candomblé de Jarê (SENNA; AGUIAR, 1980, p. 81, 82). Em resumo, o fato de em determinados contextos estes pais ou mães de santo (aí incluindo Madrinha Alice) serem chamados de curadores ou curandeiros indica uma relação primordial entre o culto religioso e o cuidado com a saúde.

Já a palavra “umbanda” foi rejeitada em todas as respostas dos sujeitos. Luzia Ferreira, por exemplo, quando perguntada sobre se o culto de sua mãe era candomblé ou umbanda, afirma categoricamente o seguinte: “umbanda não era. Com certeza não era. Que eu não ouvia essa palavra umbanda. Candomblé eu já ouvi várias vezes falar. “Ah, tava aonde? Tava no Candomblé de Dona Alice” (Luzia Ferreira).

<sup>3</sup> A despeito de qualquer confusão que se possa fazer entre este termo e outros equivalentes (cultura negra, cultura do negro, cultura africana etc.), tomamos o conceito de cultura afro-brasileira como conjunto material e simbólico construído pelos africanos (e seus descendentes) que viveram a diáspora provocada pela escravidão praticada pelos colonizadores portugueses no Brasil.



Um dado interessante na fala de Luzia é algo constatado entre diversos colaboradores: o termo “umbanda” não era conhecido na região naquela época. Essa palavra passou a ser usada pelo povo de terreiro de Maracás apenas recentemente, nas duas últimas décadas, com a popularização da umbanda na mídia e com a expansão dessa religião do sudeste para diversos pontos do país. Algo semelhante aconteceu em Vitória da Conquista (AGUIAR, 2007, p. 93).

Além disso, muitas vezes, os filhos de santo de Madrinha Alice identificam na denominação umbanda, mesmo aparentemente de modo inconsciente, as relações sincréticas com o espiritismo kardecista e com a incorporação, transe ou mediunidade com espíritos de pessoas falecidas. É o que se nota na fala de Maria Amália: “candomblé é que bate tambor. Já a umbana?... umbama?... umbanda? Isso aí já é tipo [...] lugar que eles vão chamar os espíritos de quem já morreu. Isso não faço não. Nem Madrinha Alice fazia” (Maria Amália).

Para esses sujeitos, os espíritos dos mortos, associados ao kardecismo e, conseqüentemente, também à umbanda (por ter origem no kardecismo), são vistos como prejudiciais, danosos à vida social e orgânica<sup>4</sup>. Observe-se que, dada a dificuldade de pronúncia, palavra não lhe parece muito familiar.

Às vezes, nos deparamos com conclusões precipitadas acerca dessas nomenclaturas. Costumeiramente, entre membros de religião de matriz africana na Bahia e, até mesmo, entre acadêmicos, quando determinado grupo não é classificado em nenhuma das ditas “nações de candomblé” e, em adição, cultua divindades ou entes espirituais que não são de origem africana, como os caboclos, chega-se à conclusão de que não é candomblé, mas umbanda. Por várias razões consideramos tal conclusão insuficiente, simplista e equivocada resultante de uma visão etnocêntrica<sup>5</sup>. Porque, o culto realizado de modo diferente acaba sendo visto como errado (ou qualquer outra

<sup>4</sup> Magnani (1986) explica que a umbanda teria surgido de um desdobramento do chamado “baixo-espiritismo” no fim do século XIX (isto é, das práticas de espiritismo que fugiam dos padrões kardecistas de então). A umbanda teria sido resultado das relações sincréticas estabelecidas entre essas práticas, o catolicismo e parte dos cultos nagôs e bantos. A explicação de Magnani nos ajuda ainda a traçar um outro limite entre o culto de Madrinha Alice e a umbanda: enquanto esta surgiu no sudeste do país, no século XIX, aquela tem suas raízes nas próprias práticas locais, sendo herdeira das tradições religiosas dos negros que constituíram, essas comunidades, em associação com os indígenas locais. Enquanto pesquisadores, temos consciência de que a umbanda é muito diversa e que o transe com “espíritos de pessoas mortas” ou “desencarnadas” é algo que está mais relacionado ao Kardecismo. O importante desta fala, no entanto, é verificar que os sujeitos de pesquisa não se compreendem enquanto umbandistas. E talvez nem saibam exatamente o que é umbanda.

<sup>5</sup> Etnocentrismo é, de acordo com Rocha (2003, p. 6), a visão de mundo construída por determinado sujeito, quando este toma por base, ou por centro de todas as coisas, a cultura do grupo a que ele mesmo faz parte.



coisa que não candomblé). É necessário ter uma visão mais ampla dos elementos que constituem o candomblé para evitar conceitos e descrições nagocentristas (BRAGA, 2013), já que o nagocentrismo é também uma expressão do etnocentrismo.

Embora os cultos do interior fossem dirigidos por sacerdotes que nem mesmo conhecessem as manifestações de candomblés de nação, estes também se autodenominavam, às vezes, “candomblé”. Restringir a sua significação é desconhecer amplitude semântica do termo (CASTRO, 2001, p. 196).

Os candomblés do interior, sobretudo das regiões geograficamente identificadas como sertão e, muitas vezes, localizados em áreas rurais, não podiam seguir a mesma estrutura do culto da capital, do recôncavo ou de certas localidades litorâneas, por uma série de razões.

É nosso dever, na condição de pesquisadores, reconhecer, assim, a autoridade dos sujeitos para se autodenominarem, como acontece com Dona Licinha: “era candomblé mesmo. [...] Ela era tão boa, que ela fazia esses candomblés tudo, fazia janta pra todo mundo, almoço que tivesse lá. Todo mundo tomava banho, almoçava” (Dona Licinha). Ou seja, a prática religiosa de Madrinha Alice era candomblé. Um candomblé diferente dos que já são conhecidos na academia e, por isso mesmo, consagrados e dotados de maior prestígio. Ainda assim, é candomblé. Um candomblé tão peculiar que, por ora, só poderíamos denominar de “candomblé de tradição local”.

Pelo que se pode observar, uma possível classificação deste seria na subcategoria de “candomblé de caboclo”, tendo em vista a predominância do culto aos encantados da terra. No entanto, observa-se que há em determinadas falas a referência aos orixás, sem fazer, contudo distinção entre eles e os caboclos. Vimos isso na fala de Luzia Ferreira, para quem “caboclo é orixá”, mas também na de Maria Amália: “Santo é o da igreja católica. Os caboclos e os orixás é que é os encantados. Agora a diferença de caboclo pra orixá: aí é tudo a mesma coisa” (Maria Amália).

## CONCLUSÕES

Compreende-se as polêmicas que podem ser levantadas com as abordagens feitas às categorias acima. Contudo, que não sejam tomadas como um esforço em direção de um pretenso ineditismo, mas como uma estratégia de interpretação do próprio campo e das falas dos sujeitos de pesquisa. É evidente que, em se tratando de um trabalho que toma como metodologia principal a história oral, não se deve fazer

2056

Realização:



Apoio:





outra coisa senão dar voz aos entrevistados e tentar compreender ou, nos limites da possibilidade, explicá-los.

Compreender as práticas de Madrinha Alice como um culto afro-brasileiro requer que aprofundemos, até ao nível da etimologia, a apreensão deste termo, para não cairmos nas armadilhas de uma polissemia muitas vezes imprecisa. Assim também, o termo “candomblé” precisa ser visto com o máximo de amplitude possível, compreendendo que nem todos os candomblés nasceram no recôncavo ou nos arredores da cidade de Salvador. Assim como as tradições keto, jeje e angola se desenvolveram nesses lugares, no interior, por sua vez, se desenvolveram muitas outras formas de culto, com sincretismos diferentes (e talvez mais profundos) dos que se deram na capital e no Recôncavo. Só podemos compreender esse fenômeno, portanto, se aceitarmos que, para além das tradições já estudadas e aceitas como candomblés, há outros (que aqui chamamos de tradição local) que pedem ainda uma análise mais profunda.

2057

**PALAVRAS-CHAVE:** Candomblé. Tradição Local. Maracás. Madrinha Alice.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. *Do púlpito ao baquiço: religião e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. PUC – São Paulo, 2007.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Vol II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BRAGA, Julio Santana de. *A diversidade compartilhada geradora da religião afrobrasileira*. Poções - BA: I Congresso das Religiões de matriz Afro, Indígena, Brasileira: Situação do Povo de Santo nas comunidades do Interior (digitado), 2013.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SENNA, Ronaldo de Salles; AGUIAR, Itamar Pereira de. *Jarê: instalação africana na Chapada Diamantina*. Afro-Ásia. n. 13, 1980. p. 25-85.

SILVA, Benedicto (org.). *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Realização:



Apoio:

